

VELHICE E AUTONOMIA: A EXPERIÊNCIA COTIDIANA DE VIVER SÓ

Keila Maia Cardoso¹

Resumo. As mudanças demográficas têm favorecido alterações na estrutura familiar e, associado ao aumento da população idosa brasileira, a configuração de uma nova realidade, onde um número cada vez maior de idosos vivem sozinhos nos domicílios. Buscando compreender como se dá o enfrentamento da velhice por esses idosos que vivem sós, foi realizado um estudo de caráter qualitativo com oito idosos que residem no distrito de Jacareci, zona rural do município de Camacan-Bahia, sendo quatro mulheres e quatro homens, com idades variando entre 62 e 84 anos, vivendo sozinhos por um período que variava entre dois e 35 anos. Seis são viúvos, um solteiro e um separado; seis deles recebem aposentadoria, têm filhos (sete deles), com quem mantêm contato pouco freqüente. Revelaram sentimento de solidão por viverem sozinhos, apontando como principais motivos para viverem sós, na ordem: a perda de entes queridos, a ausência de descendentes, as separações ou, ainda, migração de familiares para outras localidades em busca de emprego. A principal rede de relação social que aparece realça os amigos e vizinhos. Encontram na religiosidade uma fonte importante de auxílio e amparo para essa vivência.

Palavras-chave: velhice, gênero, envelhecimento, solidão.

¹ Enfermeira, Especialista em Gerontologia Social pela UESC. Ipiáu, Bahia

Abstract. The demographic changes that have led to changes in family structure combined with the increase of elderly Brazilian. The configuration of a new reality. That grows a number each time more off old people live alone in their homes. Looking for figuret out how are the challenges faced by elderly people living alone. It was performed a study of qualitative character with eight old people living in Camacan, in Bahia state. The subjects include four women and four men aged from 62 to 84 living alone between two and 35 years. Six are widowed, one single and one divorced. Six are retired. Seven had children, but maintained little contact with relatives. They reported feelings of loneliness resulting from living alone. They are: the lost of loved ones, the fault of descendents, the separations or still, the due to relatives seeking employment elsewhere. The principal social network that appears emphasize the friends and neighbors. They find in the religion an important way to provide assistance and support in daily life.

Keywords: old age, class, aging, loneliness.

INTRODUÇÃO

A mudança na estrutura etária da população brasileira pode ser percebida através do crescimento do número absoluto de idosos quando comparado à população em geral².

O envelhecimento da população brasileira, associada a outras mudanças, tem gerado

² BERQUÓ, 1996, p. 11-40

um novo arranjo familiar, na medida em que aumentou o número de pessoas idosas vivendo sozinhas. Essa tem sido uma tendência apontada por inúmeros estudiosos, a exemplo de Capitanini (2000) e Berquó (1996) .

Naturalmente que esse novo panorama da população brasileira favorece a convivência a sós dos idosos, influenciada pelas razões destacadas por Capitanini (2000, p.15-16), de diminuição das taxas de natalidade e fecundidade, com redução do número de indivíduos a cada geração; mudanças nos valores concernentes à vida familiar e ao casamento, levando ao crescimento do número de adultos solteiros e descasados; aumento da mobilidade geográfica da população jovem e a urbanização, reduzindo a convivência intergeracional e a longevidade prolongada, especialmente em mulheres.

No trabalho como Enfermeira, o nosso contato com esses idosos que vivem sozinhos tem sido cada vez maior, e a verbalização da experiência deles durante visitas domiciliares e consultas foi um estímulo para conhecer um pouco mais dessa realidade, cujo conhecimento vai constituir uma boa contribuição para a prática cotidiana do Profissional da Enfermagem no Programa de Saúde da Família.

A idéia foi compreender os aspectos básicos para o enfrentamento do processo de envelhecimento, vivendo sozinho. Em primei-

ro lugar, conhecer as condições sob as quais esse envelhecimento se dá; em segundo lugar, identificar os projetos de vida que essas pessoas idosas conseguem construir, as relações que conseguem estabelecer, e vínculos que lhes dão sustentação. Nesse sentido, aprofundamos alguns questionamentos junto a idosos residentes no distrito de Jacareci, zona rural do município de Camacan, sul do Estado da Bahia. Trata-se de município com pouco mais de 28 mil habitantes, 8,5% deles idosos. No referido distrito moram 210 idosos, sendo que 16% deles moram sozinhos e são assistidos pelo Programa de Saúde de Família do município. Para este trabalho selecionamos oito idosos, com idades que variaram entre 62 e 84 anos³.

Foi utilizada a entrevista aberta não diretiva, com registro gravado em fita cassete, com a devida autorização do idoso. A pesquisa foi desenvolvida através de várias visitas domiciliares, primeiro para estabelecer o contato e efetivar o convite, esclarecendo sobre o estudo; outra visita, para a realização da entrevista e, em outra visita, para apreciação da entrevista pelo entrevistado. A escolha dos idosos ocorreu a partir da consulta às fichas de cadastro domiciliar do Sistema

³ Cabe informar que a participação dos idosos na pesquisa atendeu à Resolução nº. 196/96 (BRASIL, 1996), que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos.

da Atenção Básica (SIAB) para identificação daqueles que vivem sozinhos, sendo escolhidos dentre estes dois por microárea e Agente Comunitário de Saúde.

Dos idosos selecionados, quatro foram do sexo masculino e quatro do sexo feminino, viúvos (cinco deles), solteiros (um deles nunca casou) e um separado; católicos (seis idosos), analfabetos plenos (seis deles), aposentados (seis recebem benefício previdenciário) com rendimento de um salário mínimo, trabalhavam como operários rurais (quatro deles), pedreiro (um deles), gari (um deles), caminhoneiro (um deles) e profissional do sexo (um deles) antes da aposentadoria, atualmente sem qualquer ocupação, oriundos de outras cidades do Estado da Bahia, a exemplo de Castro Alves, Pau Brasil, Poções, Ipiaú, Feira de Santana e outro Estado (dois deles são de Minas Gerais). Todos têm filhos (à exceção de um) e vivem sozinhos há cerca de vinte anos. A maioria deles tem problemas de saúde relacionados à doenças crônicas como hipertensão arterial e diabetes, ou doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) por hábitos tabagistas desde a infância.

Quanto às condições de moradia, metade deles vive em residência própria e outra parte paga aluguel. Os domicílios têm em média três cômodos. Não há rede para tratamento de água, apenas rede de coleta de esgoto e coleta diária de lixo. Esses idosos buscam as-

sistência à saúde na unidade de saúde da família ou farmácia, mas utilizam com grande frequência serviço de benzedadeiras existentes na comunidade onde residem.

2. VIVENDO A SOLIDÃO, MAS FALANDO DE FAMÍLIA...

A família é considerada um grupo primário na socialização dos indivíduos, além de se constituir como fenômeno social complexo e elemento fundamental de desenvolvimento do ser humano. É o espaço onde a relação entre os membros que a constitui se dá de forma direta, íntima, pessoal, e onde a qualidade das relações é mais intensa e diversificada, daí ser compreendida por alguns autores como espaço de relações de parentesco. Mendras (2004, p. 226) afirma que família é um termo ambíguo; enquanto parentesco é “um sistema social, que tem algumas relações com os fenômenos biológicos e é o modo pelo qual a sociedade trata estes últimos”. Para o autor, o que interessa é a filiação social organizada pelo sistema de parentesco, não a filiação biológica.

Apesar disso, a família sofre variações. Tem sido comum o registro de que a composição das famílias brasileiras vem se modificando desde o século passado, mais particularmente a partir dos anos sessenta, com um novo quadro de vida familiar, novas relações

intrafamiliares e novas expressões de autonomia de seus membros. São muito diversos os contextos sociais e de parentesco, os arranjos de moradia, as relações entre homens e mulheres, bem como entre pessoas de diferentes gerações e sexo, escondidos hoje sob a expressão família. Essas modificações são decorrentes de muitos fatores, dentre os quais cabe destaque, de acordo com Peixoto (2002, p. 95), à "baixa da fecundidade, declínio da instituição do casamento e a banalização do divórcio", vinculadas, conforme a autora, às transformações nas relações de gênero.

Naturalmente que esses fatores, que desconstruíram uma ordem social pretérita, promovem diferentes impactos sobre pessoas e grupos, refletindo-se diretamente sobre as gerações mais velhas. No mundo inteiro, os novos arranjos e configurações familiares com a presença de idosos têm sido relevantes. Muitas são as configurações por que passam as famílias, a exemplo de: famílias residindo com até três-quatro gerações, aumento de lares chefiados por idosos, aumento de lares chefiados por mulheres, coabitação de pais idosos e filhos, além do aumento de lares unipessoais - pessoas vivendo sozinhas e, para este estudo, de pessoas idosas vivendo sozinhas.

O aumento do contingente de idosos vivendo só é reflexo das alterações demográ-

ficas e, mais ainda, das mudanças ocorridas no ambiente familiar devido à redução do número de indivíduos a cada geração por queda da taxa de natalidade e de fecundidade, além do crescimento do número de adultos solteiros e descasados, somados à maior mobilidade geográfica dos jovens e longevidade prolongada dos indivíduos (CAPITANNI, 2000, p.15-16). Esta realidade vem sendo observada em inúmeras outras pesquisas, inclusive a realizada por Barros (2004, p.20) com idosos de famílias de camadas médias no Rio de Janeiro, onde a mesma se refere às mudanças de valores na família contemporânea, a exemplo de separação de casais e recasamentos.

Castells (1999, p.173) assinala que a família constitui o mecanismo básico de socialização, sendo altamente influenciada pelas transformações sociais, evidenciando na sua análise a crise que a família patriarcal enfrenta. Acrescenta alguns indicadores desta mudança como dissolução dos lares por divórcios ou separação dos casais, crescente frequência das crises matrimoniais, instabilidade familiar e aumento da autonomia das mulheres em relação ao comportamento reprodutivo, quando se estende aos padrões sociais de reposição populacional e o envelhecimento populacional.

Assim, estes indicadores resultam em variadas estruturas domésticas, nas quais pre-

dominam cada vez menos a família nuclear, aquela configurada com a presença do pai, mãe e filhos. Há uma profunda diversificação no sistema familiar, com novas composições e configurações, onde são mais freqüentes lares formados apenas por uma pessoa. Mas esses novos arranjos familiares, afirma Castells (1999, p. 263) não significam a finitude da família enquanto instituição, porém assinalam o surgimento de novos papéis, regras e responsabilidades.

Na realidade pesquisada, buscou-se entender a constituição familiar na qual os idosos estavam inseridos, para melhor compreender a sua vivência e motivos para estar só. Sete dos idosos aqui considerados têm filhos e todos tiveram irmãos, são oriundos de famílias extensas. Apesar de terem tido uma convivência anteriormente prazerosa, atualmente não mantêm contato com familiares, e apenas dois ainda o fazem, porém de forma menos freqüente. São exemplos disso os seguintes depoimentos: 1) *Tenho oito irmãos, meio distante que não consigo ver, mas tenho. Não tenho contato com mais nenhum deles (72 anos);* 2) *Tive oito irmãos, mas só tem três vivo. Aqui tinha brega e trabalhava aqui... aí eles foram embora, com 1 ano vieram me buscar eu não quis ir... aí eles disseram, pois tenha certeza que eu não venho atrás de você nunca mais! E não vieram mesmo (65 anos).*

A relação entre irmãos faz parte do que

Silveira (2002, p. 94) chama subsistema fraterno ou fratria, e proporciona uma "ampla e complexa rede de vivências..." e estas "servem como um laboratório para as relações sociais que serão experimentadas fora do núcleo familiar".

Todos os entrevistados casaram-se ainda muito jovens (com idades entre 12 e 25 anos) quando o casamento era reconhecido como um compromisso para a vida inteira, ou até como um destino, em especial para as mulheres. Referem-se à relação conjugal duradoura (com média entre 10 e 40 anos de convivência), mas falam também em recasamentos. Sobre a qualidade da convivência no casamento, todos a consideraram boa, como se configura no relato seguinte: *Casei com 18 anos, fiquei casada por 20 anos. Minha relação foi bom... eu vivi uma vida boa na minha infância, depois que me casei eu topei com um marido bom (84 anos).*

Mas a realidade da vida conjugal, apesar do caráter duradouro, não se configura de forma linearmente prazerosa, mas de cristalização de conflitos, em especial a partir da segunda relação, como expressa o depoimento seguinte: 1) *Casei com 12 anos, vivemos por 15 anos, mas ele morreu... Não interou nem seis meses e eu arranjei logo outro. Era mermo besta. Minha vida de casada é assim. um dia brigava, outro dia não brigava. Arranjei logo coroa e amasiei... Depois que eu ma-*

siei aí que foi errado. Masiei mais Zé Ilaro... foi esse home que me rebentou. Nós vivia muito mal, ele nem me queria, nem me deixava eu viver com outro home. Vivi 10 anos nesse bicho. (65 anos).

A idéia de casamento até que a morte nos separe já não é concebida como a única forma de relacionamento conjugal. Vivendo em união estável sem a instituição do casamento, idoso de 65 anos, afirma: *Não casei, vivi junto com ela por 42 anos. Eu tinha idade de 25 anos e ela 14. Ela tá morrida, mas até hoje eu tenho recordação. Porque mulê iguale a ela pode achar uma que remede, mas iguá não tem, nem tinha não... pra dá conta do recado como ela dava, aqui eu não acho não!*

Quando a avaliação recai sobre os filhos, vê-se que há manifestação de ressentimentos por não terem contato, como gostariam. De acordo com Peixoto (2002, p. 102), parte relevante dos estudos sobre noções familiares considera a proximidade geográfica como elemento fundamental para a solidariedade familiar e a criação de laços afetivos. 1) *Tenho somente uma filha (oito dos filhos já morreram). Depois que vim pra aqui, ela só vei aqui uma vez. Dizem, dizem que foi embora pra São Paulo. Não tive contato. (73 anos);* ou 2) *elas não podem vir fazer apoio pra mim, porque as que têm marido não vêm, porque tem fi, as que dizem que é solteira ou moça, não sei como é não pode ficar também porque elas*

não acham o luxo que quer (tem 12 filhos vivos, apenas 04 residem em Jacareci em outros domicílios) (67 anos).

Para esses indivíduos que outrora conviveram em famílias extensas, encontrar-se vivendo sozinhos representa um desafio diário para a realização das atividades, uma vez que alguns deles têm problemas de saúde crônicos. Do ponto de vista relacional, o contato pouco freqüente ou até inexistente com familiares acentua esse sentimento de sentir-se só. No entanto, e apesar da solidão, esses idosos identificaram a família como importante valor social, o que contrapõe à afirmação anterior de Peixoto, e realça a idéia de que distância espacial não necessariamente traduz distância afetiva, apesar do apoio na maioria das vezes vir de amigos e/ou vizinhos.

A associação de sentimentos de tristeza e dor se alicerça na complexidade que a ruptura familiar, seja ela de qualquer natureza (por morte, por separações, por necessidades de trabalho) implica.

O desejo de fortalecer os vínculos familiares com seus filhos e netos os faz viajarem de vez em quando, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam para isso (financeira, física, meios de transporte) já que viajam de ônibus e as distâncias são longas. Este é o caso de uma idosa de 84 anos: *Vivia com minha casinha cheia de gente, meus finho, minhas neta, meus neto. E o meu pensar dá von-*

tade de ir embora pra onde ta meus fi de São Paulo, mas todo ano eu vou lá fico 1 mês, dois, quatro, então eu vorto

Ou, ainda, o relato de idosa, 62 anos, que foi cuidadora de seus pais por anos (ambos já morreram), e ficou bastante emocionada ao narrar a morte do pai em casa, e a saudade que sente deles, expressa como mistura de tristeza e solidariedade, através da necessidade de cuidar: *minha mãe morreu vai fazer 25 anoFiquei morando mais meu pai, que faleceu também fez cinco ano ...Sinto saudades dele... de cuidar...*

Os depoimentos aqui transcritos dão uma idéia de que “conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo e não separá-lo dele” (MORIN, 2002, p.47). Assim, a autonomia desses idosos, construída no contexto de pertencimento, de vivência cotidiana é o que caracteriza a posição de cada uma no mundo, a própria condição humana.

Finalmente, e ainda que se considere as mudanças no grupo familiar, é importante realçar o caráter essencial da família para as pessoas idosas enquanto “estrutura que atravessa e anima a sociedade inteira” (MENDRAS, 2004, p. 258).

3. (RE) SIGNIFICANDO A SOLIDÃO

São muitas as explicações para a tendência apontada por estudiosos para que idosos morem sozinhos. Berquó (1996, p.37), por exemplo, assinala que o morar sozinho pode ser resultante de desenlaces como viuvez, separação, celibato, não existência de prole ou, ainda, da migração que, ao longo do tempo, formaram tipos distintos de arranjos familiares.

Os idosos entrevistados nesta pesquisa vivem sós em média há vinte anos, variando entre dois a trinta e cinco anos. Os motivos que os levaram a morar só são externos e se referem à: 1) migração de familiares em busca de emprego: *porque meus fi não acha emprego aqui, você sabe...eu não tenho condição de dar.*(67 anos); 2) desilusão amorosa: porque já peguei umas dona aí, que nunca deu certo, eu não quis tomar mais conhecimento, cabar com que eu tinha, eu também não tava interessado. (72 anos); 3) ausência ou perda de filhos: *porque não tem jeito a dar... os vagabundo matou ele... Ave Maria! Eu avisei a ele pra ele sair da rua, porque se não o povo matava ele... falei mas ele não atendia não* (65 anos).

Uma das hipóteses estabelecidas nesta pesquisa foi o principal motivo dos idosos viverem sozinhos, e está relacionada à migração de familiares, mas que foi citado apenas

por dois deles, prevalecendo a perda de entes queridos e o medo de envolvimento com outros e, conseqüentemente, da perda da independência conquistada morando sozinhos.

Capitanini (2000, p.88) citando Wolf (1995) descreve que o morar só reflete, além de resultado de opção individual, uma realidade social e econômica que nem sempre é a desejada pelo indivíduo. Realidade esta também percebida na pesquisa, uma vez que alguns idosos referem-se à saída de filhos em busca de emprego, ocasionada pela crise econômica vivenciada na região.

Outro fator relevante a ser assinalado é o estado civil, pois a maioria dos idosos desta pesquisa é viúvo. O estado civil é um importante indicador de solidão emocional na velhice, que pode estar associado tanto à composição da rede de suporte, da perda ou ausência de uma figura de apego como nos lembra Capitanini (2000, p.91), e pode ser percebido na seguinte fala do idoso: *Não tem os fi dentro de casa, não tem neto... a gente veve assim... a vida parasieira,quieta,dá aquela tristeza... (84 anos).*

O sentir só e o isolamento não são prerrogativas da velhice, podendo ser também vivenciada em outras fases da vida (ANGERAMI-CAMON, 1999, p.84). Da mesma forma, a idéia que se faz do idoso que mora sozinho é de uma pessoa infeliz. A experiência vivenciada na velhice determina perda de papéis,

afastamento, limitações físicas, morte de pessoas da mesma idade e, muitas vezes, limitações financeiras, contribuindo para o isolamento e a solidão (CAPITANINI, 2000, p.29).

Capitanini (2000), em pesquisa realizada com idosas que vivem sozinhas há cerca de vinte anos no município de Campinas - SP, concluiu que as mesmas não sentiam solidão e eram altamente satisfeitas com a vida, uma vez que haviam escolhido viver sós. Contrariando esta constatação, os idosos deste estudo referiram sentimento de solidão por morarem sozinhos, seja pela ausência ou contato pouco freqüente com familiares/companheiros, seja pela condição financeira precária (dois deles ainda não são aposentados). Para esses idosos, viver sozinhos não foi uma escolha, uma opção de vida, mas uma circunstância não desejada, mas enfrentada como podem. Nesse sentido, os depoimentos seguintes dão conta dos sentimentos de viverem sozinhos. 1) *Morar sozinha não é bom, é ruim, é ruim... é pesaroso ,ainda mais pra eu que tem essa idade. Mas eu vou forçar? Eu vou atentar fazer o quê? (65 anos);* 2) *eu não acho que morar sozinho seja bom, eu me sinto um pouco prejudicado... Não tem problema dizer? Devido também a relação (sexual). Tem ocasião que me sinto diferente (diz com olhar cabisbaixo), eu sinto porque não tenho uma pessoa assim para se combinar comigo... (72 anos);* 2) *É um pesadelo!Me dá umas coisas,*

tem hora que eu não durmo de noite, fico aqui nessa janela pensando na vida, mas eu imploro a Deus, peço forças a Deus e vai dano pra passar. Vou passando a vida como diz do jeito que a vida quer me levar né?... ainda pensando em ter uma dona, porque tudo só vai com ela. (72 anos).

Apenas dois idosos afirmaram sentir-se bem morando sós, por poderem desfrutar da independência, amparados na religiosidade.

1) *Pra mim viver só é uma vida tão boa! (risos) Porque eu cuido d'eu mesmo, eu cuido d'eu mesmo. A minha experiência de morar só é uma vida muito boa, uma vida boa demais. Eu vivo aí sossegado (APS, 65 anos); 2) Eu vivo confiando em Deus até o fim. Acho que é bom, quando anoitece eu vou pra Igreja, vou ler o terço, vou deitar. Não sinto só tando com Deus e com os amigos... é que vivo a minha vida tranqüila, deito a hora que quero, levanto a hora que quero, passeio, não deixo ninguém em casa preocupado. É muito importante pra mim viver só. (LGS, 62 anos)*

A solidão, como descrito por Capitani (2000, p.23) citando alguns estudiosos⁴, é uma experiência sócio-emocional associada à percepção de que os contatos sociais são quantitativamente insuficientes ou qualitativamente insatisfatórios para amparar as próprias necessidades sócio-emocionais.

⁴ Peplau, Russel e Hum, 1979, Michel, Peplau e Weeks, 1982)

Quanto ao significado da solidão, além dos depoimentos já descritos, os entrevistados também associam a sentimentos negativos de desprezo, feiúra, de não ter jeito, de não ter alegria, de falta de diálogo, conforme traduzidos nos depoimentos seguintes: 1) *Solidão pra mim significa muitas coisas. Pra mim eu vivo no desprezo, eu fico assim...* (72 anos); 2) *A solidão é feia, feia... feia mermo.* (65 anos); 3) *é daquele que não tem jeito, porque quando o cara tem jeito não vai ficar na solidão né?* (67 anos)

Outros, no entanto, que se sentem bem vivendo sozinhos, descreveram sentimento positivo: *Solidão pra mim é coisa boa. A gente veio não gosta mais de zuada, de barulho, de nada.* (62 anos); ou *... é um sistema assim, como é que diz? É um negócio qualquer... eu vivo como um Passarim, assim sabe? Avoando... leve... Sinto bem só, porque eu não gosto de aborrecimento, não gosto que ninguém me aborreça. Eu aborreço ninguém em nada.* (65 anos).

É importante ressaltar que entre os idosos que vivem sozinhos, aqueles que se sentem bem têm maior contato com os amigos. Capitanini (2000, p.38) citando Goldstein (1998), refere que a qualidade dos contatos sociais influencia mais a qualidade de vida na velhice que a quantidade deste contato.

Apesar do contato pouco freqüente com familiares e da ausência de companheiro,

uma vez que a maioria deles é viúva, os idosos afirmaram que se pudessem escolher, gostariam de morar com alguém da família: filha, nora ou esposa; no geral, todos escolheram mulheres.

Destacando que a nossa vida ganha significado a partir do outro, Angerami-Cammon (1999, p.82) afirma que, quanto mais vivemos o outro, recebendo, trocando afeto, maiores serão os sentimentos de abandono e isolamento quando nos sentimos abandonados por ele. Os depoimentos acima relatados dimensionam o quanto a Ausência do Outro na vida desses idosos contribuiu para o sentimento de solidão, parafraseando Alceu Valença, cantor nordestino, como algo que *devora... causa descompasso no coração...*

4. AS ESTRATÉGIAS PARA VIVER SÓ

Falar das estratégias criadas pelos idosos para viverem o dia a dia sozinhos é trazer à tona a versão cotidiana do que fazem, e das práticas que organizam diariamente para permanecerem ativos, interagindo e vivendo sem sofrimentos psíquicos maiores.

Goffman (1999, p.27) afirma que todo homem representa um papel de forma mais ou menos consciente, e nesses papéis nos conhecemos uns aos outros e a nós mesmos. Heller (2000, p.17) complementa relatan-

do que a vida cotidiana é a vida de todo homem, uma vez que participamos do trabalho, da vida privada, atividade social sistemática, lazer e descanso. Assim, o cotidiano reflete também o papel social que é desempenhado por cada indivíduo, bem como a visão estabelecida pela sociedade frente a estes.

O processo do envelhecimento na realidade brasileira ainda está associado a limites e estereótipos, que marginalizam o idoso e contribuem para seu isolamento social (SANTANA e SENA, 2003, p.45). Conforme depoimento de idoso de 84 anos *“é porque já estou nessa idade, e gente vei só presta pra viver sozinho... porque não agüenta zuada, aborrecimento... (sic)”* ou, no relato de outro idoso de 65 anos, *”com isso a idade foi me comendo, me avançando... avançando, tô nessa situação...”*

As falas acima descritas refletem uma concepção negativa e pejorativa sobre a velhice vivenciada por estes indivíduos, onde a auto-imagem é associada a limitação, inutilidade, incapacidade. Esses estereótipos estão ancorados nos indivíduos e são constantemente reforçados pela sociedade.

Apesar das mudanças já observadas, em especial pela visibilidade da velhice, hoje expressa em leis, na profissionalização de serviços, em criação de conselhos municipais de idosos, dentre outros, ainda se vive e se repete o preconceito. Mesmo assim, a visibilidade da velhice já sinaliza um novo conceito

de envelhecimento, e vem sendo compreendido a partir de novos enfoques, de novas abordagens, sem desconsiderar que são múltiplos os problemas enfrentados por pessoas que vivenciam a experiência de envelhecer.

Lopes (1999, p.24) destaca que o ser humano se caracteriza como tal, precisa de vínculos com os outros e, por isso, vivenciar uma velhice isolada é uma tragédia, já que a vida inteira precisa do olhar do outro. Santana e Sena (2003, p.46) complementam afirmando que o homem vive agregado a outros indivíduos de sua espécie desde o nascimento, o que significa dizer que a existência de uma pessoa como ser individual é indissociável da sua existência social.

Na medida em que os idosos entrevistados passaram a viver sozinhos e a vivenciar sentimentos de solidão, foram elaborando estratégias para enfrentamento de viver só, como criação de rede de suporte social⁵ através de amigos e vizinhos, busca pela religiosidade e o próprio cotidiano com a realização de atividades da vida diária e o trabalho.

Quando questionados sobre quem os auxilia quando adoece ou caso adoeça: *Os vizi-*

5 Conceituada por Capitanini (2000, p.37) como conjunto de pessoas que mantêm entre si laços típicos das relações que envolvem dar e receber, permitindo manter a identidade social, ter apoio emocional, ajuda material, serviços e informações, bem como estabelecer novos contatos sociais

nhos - tem Maria Sales, Julia, Judite, Sirlei... (62 anos.); Aqui tem uma pessoa muito boa pra mim. Tem Dona Francisca e Dona Iu, porque sempre lembra de um chá,aprontar uma carne. Esses vizinhos aqui todo daqui... (72 anos); O vizinho e essa menina que anda aqui Pimenta me leva pra o hospital, vai leva. (67 anos); Julia é minha amiga, minha irmã, quem é do grupo da igreja é irmã. (73 anos).

Capitanini (2000, p.30 citando PEPLAU e PERLON, 1982), destaca que os idosos têm preferência, no contato social, pelos amigos muito mais que pelos membros da família, pois aqueles trazem, nas relações de amizade, mais impacto sobre seu bem-estar, uma vez que as relações familiares são obrigatórias e as de amizade são voluntárias.

Rezende (2002, p.145-46) descreve que a amizade é uma relação pautada na sociabilidade e mais fortemente na amizade, na confiança e no ato de compartilhar questões íntimas e pessoais, ao passo que na família há relação pela naturalidade dos laços de sangue.

Cinco dos idosos entrevistados referem ter amigos e encontram neles a maior fonte de apoio, alguns formados a partir de grupos religiosos, conforme depoimentos: *Julia é minha amiga, minha irmã, quem é do grupo da igreja é irmã... Quando estou doente , aí todos os dias eles (amigos da Igreja) vem fazer oração. (73 anos); Tem os amigos é da Igreja. (62*

anos); O pessoal daqui é tudo meu amigo. Eles fazem visita a mim, eu faço a eles. Qualquer hora, sem ser doença, sem ter nada, Passam aqui, conversa comigo. (65 anos).

Como pode ser observado em alguns depoimentos acima descritos, alguns idosos participam ativamente de grupos religiosos ou na associação de moradores existente no distrito. A participação comunitária ou religiosa é fator positivo que influencia o bem-estar, uma vez que permite aos idosos que vivem sós contato com outras pessoas e criação de vínculos afetivos. A religiosidade é outra forma encontrada pelos idosos que vivem sozinhos para vivenciarem o dia a dia nesta condição, sendo citado por eles durante vários momentos da entrevista: *eu moro sozinha mais Deus! (84 anos); ... aqui a noite fica grande demais, vem o sentido mal e bom, sempre graças a Deus não me vem sentido mal, porque eu imploro a Deus , tudo que é passado em minha vida. (72 anos) .*

Goldstein (1993, p.83, citando MOBERG, 1970) conceitua religiosidade como crenças, valores pessoais, atividades pertinentes àquilo que é sobrenatural, misterioso e reverenciado, àquilo que transcende a situação imediata e que diz respeito às razões e objetivos finais do homem no universo. Complementa afirmando que a religiosidade está ligada à vida do homem, independentemente de raça, cultura, ou tempo histórico.

Neri e Goldstein (1993, p.109) descrevem que a religião é para muitas pessoas o mais importante quadro de referência pessoal. Como percebido em uma das entrevistadas, que é católica praticante e em cuja residência há uma parede repleta de imagens de santos: *Deus é importante porque religião sem oração, longe de Deus é difícil. Religião, oração é muito importante, que agrada a Deus e agrada a gente. (LGS, 62 anos)*

A religiosidade marcante na fala dos entrevistados é mencionada como invocação a Deus como força, apoio, auxílio na experiência de viver só... *porque eu vivo fortalecido mais é em nome de Deus, porque eu passo dias e dias nem almoçar eu almoço, parece que Deus me tem até com as palavras que eu peço a Ele, né? (72 anos); Bom, aí a pessoa chama por Deus, livrar dele de uma situação ruim, de vez em quando participar na Igreja. (72 anos)*

Néri e Goldstein (1993, p.109) observaram, em pesquisa com adultos cuja idade variava entre 45 e 79 anos (total de 173) voluntários num programa de educação continuada, no qual 87,3% tinham na relação com Deus uma ajuda para lidar com a solidão. Destacam que há uma relação entre a religiosidade e bem-estar subjetivo, levando a importante fonte de satisfação com a vida, de forma que o indivíduo cria significação para a sua vida, adaptando-se às limitações do en-

velhecimento: *A importância de Deus em minha vida? Tudo que eu peço, eu tenho em minhas mãos... eu não queixo, só queixo pra um, pro chefe lá de cima. (65 anos); o que eu na minha vida de católica tenho é eu ter minha saúde e a minha alegria de viver. (84 anos)*

No próprio cotidiano os idosos pesquisados encontram subsídios para viverem sós através da realização de atividades domésticas, apesar de dificuldades enfrentadas por alguns deles por problemas de saúde, e ainda pelo trabalho seja voluntário seja para complemento da aposentadoria. No geral, fazem o que gostam, como descrevem: 1) *... gosto de trabalhar nas minhas duas profissões, de pedreiro ou padeiro... sinto não fazer porque é de grande utilidade. Faço pão. Sou padeiro... dá prazer, aí sinto a alma leve daquilo que eu praticava. (72 anos); 2) Bom, o que eu mais gosto de fazer e me sinto bem é quando to trabalhano. Faço realmente. Eu consegui um serviço de meeiro. (72 anos); 3) Gosto é de trabalhar na Igreja, já tem uns 10 ano que limpo lá. Se tiver costura vou fazer, aí vou fazer visita aos doentes (62 anos.)*

Quanto às atividades realizadas diariamente, estão voltadas para trabalho doméstico ou relacionadas ao cuidado pessoal, sendo uma forma de “passar o tempo” como descrito: *eu levanto,... penteio meu cabelo, vou ver o café, barrer, lavar prato, lavar uma roupinha no correr do dia. É esse meu trabalho,*

em minha casa. Eu gosto de encerar a casa, mais adoro! (aponta para o chão que está lustrado, demonstrando satisfação por isso) (84 anos); *eu lavo prato, faço minha comida, lavo roupa, barro a casa, o que eu puder fazer, eu faço tudo.* (73 anos); *Trabalhano, levanto, escovo os dente, passo um café, vou lavar uns pratim, lavo roupa, se tiver costura vou fazer, aí vou fazer uma visita também aos doentes.* (62 anos).

Heller (2000, p.17) revela que o homem participa da vida cotidiana vivenciando suas habilidades, sentimentos, paixões, idéias, ideologias. Assim, estes indivíduos encontram no cotidiano uma estratégia para vivenciarem a velhice morando sozinhos, estabelecendo contato com outras pessoas pela participação comunitária, ou ainda na realização das atividades da vida diária. A experiência vivenciada na velhice não é determinante para os idosos sentirem solidão, mas influencia uma vez que os indivíduos sofrem perdas sociais, perda de vínculos afetivos, além das limitações físicas e financeiras. Os idosos pesquisados referiram solidão ao morarem sozinhos, no entanto, tem sido deles mesmos a iniciativa de encontrar e estabelecer, no ambiente onde vivem, uma rede de relação social que acaba se constituindo no suporte para o enfrentamento da solidão, o que conseguem através do contato com amigos e vizinhos, na participação comunitária e/ou

religiosa, que aparecem como importante estratégia que desenvolvem, funcionando como elemento de apoio, fonte de auxílio e amparo, descritas por eles como de grande significado para suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERAMI-CAMON, V.A. *Solidão - A Ausência do Outro*. 3ª edição. São Paulo, Pioneira, 1999, 118p.

BARROS, Myrian Moraes Lins de. Velhice na contemporaneidade. IN: Peixoto, Clarice Ehlers (org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro, FGV, 2004, p.13-22.

BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o Envelhecimento da população no Brasil. In: *Anais do I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século*. Brasília, DF, 1996, p.11-40.

CAPTANINI, Marilim Elizabeth Silva. *Sentimento de Solidão, bem estar subjetivo e relações sociais em idosas vivendo sós*. Campinas, 2000. 117p. Dissertação de Mestrado-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade – a era da informação, economia, sociedade e cultura* Trd. Klauss Brandini Gerhardt. São

KEILA MAIA CARDOSO

Paulo, Paz e Terra, 1999, v.2, p.169 a 285.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na vida cotidiana*. 8ª ed. Petrópolis, Vozes, 1999.

GOLDSTEIN, Lucila Lucchino. Desenvolvimento do Adulto e Religiosidade: uma questão de Fé. In: Néri, Anita Liberalesso (org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. São Paulo, Papirus, 1998, p.83-108.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.17-41.

LOPES, Ruth G.da Costa. As relações afetivas: família, amigos e comunidade. *A Terceira Idade*. SESC, São Paulo, ano X, n.17, ago.1999, p.15-28.

MENDRAS, H. A Família e o Grupo Doméstico. In: _____. *O que é Sociologia?* Barueri, São Paulo, Manole, 2004.

MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo, Cortez, 2002.

NERI, Anita Liberalesso; GOLDSTEIN, Lucila Lucchino. Tudo bem, graças à Deus. Religiosidades e Satisfação na Maturidade e na Velhice. In: _____. (org.). *Qualidade de vida e Idade Madura*. São Paulo, Papirus, 1993, p.109-136.

PEIXOTO, C. E. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: Wagner, Adriana (org.). *Família em cena - traumas, dramas e transformações*. Petrópolis, Vozes, 2002.

REZENDE, Claudia Barcellos. Os *significados da Amizade - duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro, FGV, 2002, p.15-36.

SANTANA, Hilca Barros de; SENA, Kaline Leite. O Idoso e a Representação de Si. *A Terceira Idade. SESC, São Paulo*, v.14, n.28, p-44-53, set.2003.

SILVEIRA, Luíza M. de O. Braga. O Relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In: Wagner, Adriana (org.). *Família em cena - tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, Vozes, 2002.

Recebido em abril de 2008
Aprovado em julho de 2008